

A multifuncionalidade da construção *espera aí/peraí* a partir de uma abordagem construcionista

Nathália Félix de Oliveira (UFJF)

Resumo

Este trabalho visa a investigar o desenvolvimento da construção *espera aí/peraí* na língua portuguesa, operando, para tanto, com o aporte teórico da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011a, 2011b; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e da (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS, DAVIDSE & VANDELANOTTE, 2010). A partir da análise qualitativa das ocorrências identificadas em banco de dados pancrônico e do levantamento da frequência de uso, propomos que a construção *espera aí/peraí* apresenta diferentes usos, o que caracteriza sua multifuncionalidade. O primeiro corresponde a um pedido de tempo por parte do falante, em que verificamos o verbo esperar sendo utilizado junto ao advérbio *aí* com função temporal. Já os outros dois usos da construção – pedido de tempo para (re)formular a fala e marcador argumentativo – correspondem a marcadores discursivos, uma vez que atuam no estabelecimento da coesão ideacional e interpessoal durante a elaboração do discurso.

1. Introdução

Neste trabalho, analisamos a construção *espera aí*, a qual também se apresenta por meio do padrão construcional *peraí*¹. Defendemos, através da análise das ocorrências identificadas, que essa construção revela uma multifuncionalidade, sinalizando um pedido de tempo propriamente dito por parte do falante, bem como organizando o discurso, o que revela a preocupação do falante frente ao seu interlocutor. Funcionando, no último caso, como marcador discursivo, *espera aí/peraí* se manifesta tanto por meio da sinalização de uma necessidade de tempo para que se possa (re)formular o discurso, quanto através da codificação do ponto de vista contrário do falante diante de uma situação ou informação. Logo, classificamos os usos encontrados da seguinte maneira:

- (i) pedido de tempo propriamente dito;
- (ii) pedido de tempo para (re)formular a fala;
- (iii) marcador argumentativo.

Com o objetivo de investigar o desenvolvimento da construção *espera aí/peraí*, e sua multifuncionalidade – como apontado acima –, operamos com o aporte teórico

¹ Salientamos que este trabalho baseia-se na pesquisa anteriormente desenvolvida por nós, na qual verificamos a gramaticalização do verbo esperar (OLIVEIRA, 2012).

da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011a, 2011b; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e da (inter)subjektivização (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUTCKENS, DAVIDSE & VANDELANOTTE, 2010), que, partindo da concepção de gramática como um sistema dinâmico e modelado por aspectos estruturais e comunicativos (TRAUGOTT & DASHER, 2005), permitem que consideremos a emergência de diferentes padrões construcionais a partir de seu estabelecimento como padrões de uso – significados (inter)subjativos neoanalisados – incorporados, via repetição/ritualização, à gramática da língua (TRAUGOTT, 2009). Sob esse posicionamento, os efeitos da frequência de uso seriam evidenciados, bem como a padronização das estruturas linguísticas dentro do contexto discursivo e as inferências pragmáticas realizadas na interação. Assim sendo, segundo Bybee (2011) e Traugott e Trousdale (2013), a repetição levaria ao aumento da fluência, de modo que as sequências produzidas frequentemente juntas passem a ser processadas e armazenadas juntamente, havendo, portanto, decréscimo em composicionalidade. Logo, o aumento da frequência de uso possibilitaria a interpretação dos itens como unidades construcionais – ou seja, *chunks* – e acarretaria, conforme os autores, mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas – o que explicaria, para nós, a passagem *espera ai>perai*.

Assim sendo, analisamos qualitativamente as ocorrências sincrônicas encontradas em entrevistas sociolinguísticas, as quais foram retiradas dos seguintes *corpora*: (a) *Projeto Mineirês: a construção de um dialeto*; (b) Projeto PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua; (c) Projeto NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Também utilizamos um banco de dados que recobre a modalidade escrita da língua, composto por textos retirados da *Internet*. No que tange à diacronia, os dados foram selecionados do *corpus* do projeto CIPM – *Corpus Informatizado do Português Medieval* e do *corpus* do Projeto *TychoBrahe*.

Feitas as considerações iniciais, este trabalho organiza-se de modo a tratar, primeiramente, do aporte teórico utilizado, destacando as principais contribuições da abordagem construcionista da gramaticalização e relacionando à perspectiva da (inter)subjektivização. Posteriormente, descrevemos a metodologia e os *corpora* analisados nesta pesquisa. Em seguida, analisamos, pontualmente, as ocorrências identificadas e, por fim, realizamos as considerações finais.

2. Gramaticalização de construções e (inter)subjektivização

A gramaticalização, de um modo geral, diz respeito a um processo de mudança linguística em que novas formas são criadas para funções pré-existentes e/ou novas funções são atribuídas a formas que já existam no sistema linguístico (Gonçalves *et al.*, 2007). Meillet (1912) introduziu o termo, definindo-o como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (Meillet, 1912, p. 131).

A partir dos estudos de Lehmann (1995 [1982]), Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização passou a ser compreendida como o processo pelo qual elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, ao longo do tempo, para elementos de conteúdo gramatical e, se gramaticais, passam a mais gramaticais.

Apesar do foco pautado primordialmente na mudança categorial, os estudos em gramaticalização, desde Meillet (1912), já vêm observando a noção de integridade presente nas expressões gramaticalizadas. Este autor, por exemplo, mesmo considerando os itens lexicais como fonte da mudança, inclui em sua análise considerações acerca da ordem e do contexto sintagmático das palavras. Nessa mesma direção, também podemos citar o estudo de Lehmann (1995 [1982]), o qual afirma que a gramaticalização envolve um conjunto de processos semânticos, sintáticos e fonológicos que interagem na gramaticalização de morfemas e de construções inteiras. Por sua vez, Bybee *et al.* (1994) também frisam que cabe à gramaticalização estudar as construções que passariam a atuar em certos contextos, a fim de desempenhar funções gramaticais. Desse modo, partem do princípio de que a fonte do sentido gramatical é a construção inteira, e não as suas partes composicionais – *Princípio da Fraca Composicionalidade*.

Todavia, é Traugott (2003) que sistematiza e defende a tese de que a gramaticalização se realizaria por meio de uma construção linguística, pois, conforme a autora, a mudança se daria na construção como um todo, e não em elementos individuais que a compõem. A partir da noção de construção, Traugott (2009, p. 91) propõe, portanto, a seguinte definição para a gramaticalização:

[...] a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função gramatical para uma construção gramatical já existente. (TRAUGOTT, 2009, p. 91)

A autora ainda pontua que a abordagem da gramaticalização de construções fornece, principalmente, as seguintes contribuições para o estudo da mudança linguística (TRAUGOTT, 2009, p. 99): (a) alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais via significado → forma; (b) incorporação das microconstruções em uma rede, o que levaria a pensar em redes construcionais estabelecidas a partir de processos de gramaticalização integrados e interligados; e (c) emergência de novos padrões construcionais, a partir de seu uso reiterado através do tempo, entendendo, dessa forma, a mudança como um processo dinâmico. Neste trabalho, destacamos a primeira e a terceira contribuições da abordagem construcional da mudança linguística, uma vez que descrevemos a multifuncionalidade desse padrão a partir da instanciação de usos [+ (inter)subjetivos], os quais se ritualizam na língua por meio da frequência de uso. No que se refere ao desenvolvimento da construção *espera ai/perai*, pensado em termos de rede construcional, acreditamos que um

estudo comparativo com outras construções estabelecidas a partir de um verbo seguido por um locativo se faz necessário.

Partindo da concepção de gramática como um sistema dinâmico e modelado por aspectos estruturais e comunicativos, a abordagem construcional da gramaticalização permite que consideremos a emergência de diferentes padrões construcionais a partir de seu estabelecimento como padrões de uso incorporados, via repetição/ritualização, à gramática da língua (TRAUGOTT, 2009). Traugott & Trousdale (2013) ainda defendem que, para entender a mudança em um modelo baseado no uso, é necessário pensar a emergência desses padrões construcionais como sendo a instanciação de usos de estruturas e normas já existentes. Assim, é no decorrer dos diferentes eventos interacionais que os participantes inovam e negociam os novos sentidos instanciados, tendo como base estruturas pré-existentes.

Dessa forma, o trabalho com o alinhamento entre a estrutura da construção e seu uso pode envolver a noção de (inter)subjetivização (TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS, DAVIDSE & VANDELANOTTE, 2010). Esta diz respeito ao processo que envolve uma neonálise dos significados pragmáticos que surgem no contexto de negociação de sentido entre falante e interlocutor. Dessa forma, caracteriza-se como um processo de semanticização que exige que os novos significados (inter)subjetivos sejam convencionalmente codificados, resultando em um novo par forma-sentido (Cuyckens, Davidse & Vandelanotte, 2010). Logo, um novo uso pode desenvolver sentidos [+ subjetivos] – ou seja, significados pautados nas crenças e atitudes do falante acerca da proposição –, podendo chegar, até mesmo, a desenvolver sentidos [+ intersubjetivos] – significados que exprimem a preocupação do falante com o endereçado.

A perspectiva da (inter)subjetivização parte do princípio de que nenhum nível da gramática é autônomo ou central, preocupando-se em não separar os aspectos estruturais dos aspectos semântico-pragmáticos. Essa concepção está intimamente ligada à noção de construção, uma vez que nesta os níveis semântico, morfossintático, fonológico e pragmático trabalham juntos (TRAUGOTT, 2008a). É sob esse posicionamento que descrevemos os diferentes usos encontrados para a construção *espera ai/peraí*, uma vez que defendemos que eles revelariam um percurso de desenvolvimento baseado em um crescente aumento de (inter)subjetividade.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa não considera o estabelecimento de uma rede construcional envolvendo a instanciação de construções a partir de um verbo seguido por um locativo. Restringimos nossa análise a mostrar a atuação de *espera ai/peraí* no nível microconstrucional. Para Traugott & Trousdale (2013), uma visão construcional da gramática pode ser adaptada para dar conta da inovação e da mudança, desde que essa adaptação se dê a partir da adoção de uma abordagem baseada no uso, a qual é fundamentada na premissa de que a língua como um todo

é uma rede (CROFT, 2001). Nesse sentido, os autores, assim como Traugott (2008a, 2008b), propõem os seguintes níveis de esquematicidade, visando à configuração de uma rede construcional:

- I. macroconstruções, que são pares de forma-sentido definidos pela estrutura e função;
- II. mesoconstruções, que são conjuntos de construções específicas que apresentam um comportamento similar;
- III. microconstruções, que são tipos individuais de construção;
- IV. construtos, que são as ocorrências atestadas empiricamente e que se caracterizam por ser o *locus* da mudança.

Com base nos níveis acima, temos que: (i) a partir do momento em que uma inovação (construto) é convencionalizada pela comunidade linguística, uma microconstrução emerge na língua; e (ii) os diferentes tipos de construção estabelecem uma relação hierárquica entre si. Dessa forma, uma construção mais esquemática se realiza através de uma construção menos esquemática; e esta, por sua vez, cabe, parcialmente, em um nível esquemático maior. Tendo em vista essa configuração, este trabalho destaca a instanciação da construção individual *espera ai/perai*.

Buscando uma melhor compreensão sobre o fenômeno da gramaticalização a partir da perspectiva construcional, Traugott (2011c) e Traugott & Trousdale (2013) realizam uma diferenciação entre o que seriam mudanças construcionais e construcionalização. Segundo os autores, enquanto esta acarretaria um novo nó na rede – ou seja, a instanciação de uma nova construção (como ocorre com *espera ai/perai*) –, aquela afetaria apenas os subcomponentes da construção – isto é, os elementos de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática e discursiva. Com o intuito de estabelecer uma relação entre mudanças construcionais e construcionalização e, com isso, iniciar uma nova proposta teórica sobre o fenômeno, Traugott & Trousdale (2013) defendem que as mudanças construcionais que precedem e viabilizam a construcionalização envolvem, tipicamente, expansão pragmática, semanticização do componente pragmático, divergência entre forma e sentido e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essas mudanças são denominadas, pelos autores, de pré-construcionalizações de mudanças construcionais. Dando sequência a esse raciocínio, Traugott e Trousdale (2013) destacam que a construcionalização poderia fomentar novas mudanças construcionais – chamadas de pós-construcionalizações de mudanças construcionais –, possibilitando expansão de funcionalidade e redução morfológica ou fonológica. Nesse ponto, defendemos a mudança *espera ai* > *perai*. Acreditamos que, ao passar por mudanças que resultaram em sua construcionalização, ou seja,

a instanciação de um novo par forma-sentido, *espera aí* continuou a passar por mudanças que originaram a multifuncionalidade desse padrão, bem como a redução fonológica da forma (*peraí*).

Ainda devemos observar que todo esse processo também seria implementado, como salienta Bybee (2011), pela repetição, visto que esta levaria ao aumento da fluência, de modo que a sequência “*espera + aí*” passasse a ser processada e armazenada juntamente. À medida que a sequência torna-se mais eficiente na língua, o padrão passa a ser interpretado como uma unidade construcional – ou seja, um *chunk* –, e sua estrutura interna reduzida.

Após as considerações realizadas acima, referentes aos pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, trataremos, a seguir, da metodologia utilizada.

3. Metodologia

Como o objetivo deste trabalho é investigar a instanciação de diferentes usos para a construção *espera aí/peraí*, utilizamos um banco de dados pancrônico, recobrimo o período entre os séculos XIII e XXI. De acordo com Furtado da Cunha *et al.* (1999), há uma forte tendência em se alinharem as perspectivas diacrônica e sincrônica – o que caracterizaria a abordagem pancrônica – em estudos funcionalistas, principalmente em se tratando de gramaticalização. Assim, além de se analisarem as construções gramaticais enquanto um fenômeno discursivo-pragmático – observando os diferentes estágios linguísticos –, realiza-se um exame sobre a origem e a trajetória dessas construções – verificando a incorporação da mudança na gramática.

Os dados sincrônicos distribuem-se de maneira a constituir dois *corpora* distintos, a saber: um referente à modalidade oral e o outro referente à modalidade escrita. Na oralidade, trabalhamos com três diferentes *corpora* bastante abrangentes: (a) o *corpus* do *Projeto Mineirês: a construção de um dialeto*²; (b) o *corpus* do PEUL/RJ (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua)³; e amostras das décadas de 1970 e 1990 do NURC/RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)⁴. Por sua vez, os *corpora* sincrônicos escritos foram distribuídos em três níveis de formalidade⁵, sendo utilizados, para tanto, textos de *blogs* e revistas, os quais circulam na *Internet* e datam do início do século XXI. Todavia, salientamos que não foram encontradas ocorrências de *espera aí/peraí* nos *corpora* escritos utilizados. Tal fato pode demonstrar

² Disponível em <<http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>>. Acesso em nov. de 2010.

³ Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/peul/>>. Acesso em jan. de 2011.

⁴ Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em mar. de 2011.

⁵ A noção de formalidade adotada, nesta pesquisa, advém da perspectiva da variação diafásica (do grego: dia + phasis = através de + discurso), a qual diz respeito à variação linguística observada na fala de um mesmo indivíduo ocasionada pelas condições extraverbais que cercam o ato de fala (COSERIU, 1980).

a preferência de uso dessa construção na oralidade, bem como uma limitação de nosso *corpus*, uma vez que este é um recorte parcial da língua.

Visando a manter a uniformidade dos dados (VITRAL, 2006), cada modalidade apresenta 900 mil palavras, as quais se distribuem pelos diferentes bancos de dados selecionados, como podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 1 - *Corpora* sincrônicos utilizados

Modalidade Oral – Entrevistas sociolinguísticas	Corpus	Total de número de palavras analisadas
	Projeto Mineirês	300.000
	PEUL	300.000
	NURC/RJ	300.000
Modalidade Escrita – Entrevistas sociolinguísticas	Corpus	Total de número de palavras analisadas
	Nível de Formalidade 1	300.000
	Nível de Formalidade 1	300.000
	Nível de Formalidade 1	300.000
Total		1.800.000 palavras

No que se refere aos dados diacrônicos, cada século é composto por 100 mil palavras (totalizando setecentas mil palavras para a diacronia), como se observa no Quadro 2. Frisamos que também não foram identificadas ocorrências de *espera aí/peraí* nos *corpora* diacrônicos. Isso sugere o caráter recente dessa sequência na língua.

Quadro 2 – Total de número de palavras analisadas nos *corpora* diacrônicos

Século	Total de palavras analisadas
Século XIII	100.000
Século XIV	100.000
Século XV	100.000
Século XVI	100.000
Século XVII	100.000
Século XVIII	100.000
Século XIX	100.000
Total	700.000 palavras

A partir da seleção/constituição dos dados, realizamos uma análise qualitativa das ocorrências encontradas. Reichardt e Cook (1979) apontam como característica da pesquisa qualitativa a subjetividade, à medida que se assume a existência de um sujeito-pesquisador. Além desse aspecto, os autores também destacam o fato de essa metodologia ser holística e crente em uma realidade dinâmica.

Também observando o caráter subjetivo desse posicionamento metodológico, Bryman (1998, p. 139) enfatiza que, na análise qualitativa, a perspectiva do pesquisador

sobre o objeto de análise está em evidência. Além disso, há uma preocupação em: (a) oferecer uma descrição detalhada do que está sendo observado; (b) compreender o contexto; (c) considerar que os conceitos – em nosso caso, o possível padrão construcional do objeto em análise – surgem a partir dos dados, e não de conceitos pré-estabelecidos.

No entanto, como acreditamos, ainda é necessário realizar o levantamento da frequência de uso, uma vez que o aumento da repetição constitui um traço definidor do processo de gramaticalização (BYBEE, 2003). Assim, a partir do aumento da frequência de uso, temos o indício não somente do resultado da gramaticalização de *espera aí/peraí*, mas também o reconhecimento do processo a partir da regularização/recorrência dos usos relacionados a essa sequência.

Assim, diante do equacionamento da metodologia qualitativa e do levantamento da frequência de uso (procedimento quantitativo), procederemos à análise dos nossos dados, retirados dos *corpora* descritos nesta seção.

4. Análise dos dados

A construção *espera aí/peraí*, decorrente da união do verbo *esperar* com o advérbio *aí*, constitui uma sequência que, a partir do aumento de sua frequência de uso, se ritualiza e passa a atuar, cada vez mais eficientemente, na prática comunicativa. Salientamos que, a partir de nossos dados, constatamos que essa construção exerce mais de uma função. Abaixo, exemplificamos o caráter multifuncional de *espera aí/peraí*, como já apontado nesta análise, realizando as considerações necessárias para cada uso:

- a) funcionando como pedido de tempo propriamente dito.

A seguir, apresentamos as ocorrências (01) e (02), que demonstram esse uso da construção *espera aí/peraí*:

- (1) não ...ela dá primêro ... aí quando a:... quando o caderno caba ... o professora meu caderno caba ... fala ... *pera aí* que eu vô dá ocêotro” (*Projeto Mineirês*, entrevista 06, Piranga)
- (2) Comoéasuasala?(ruídoteléfonosuperposto)LOC.-Bom,esperaaí.Dápradesligar? DOC. - Vê aí. (interrupção) (NURC, entrevista 43)

As ocorrências acima exemplificam o uso da construção *espera aí/peraí* como um pedido de tempo por parte do falante. Assim, em (01), o falante reproduz a fala da professora dizendo que esta pede a ele um determinado tempo para lhe entregar um caderno novo, ou seja, o aluno deve aguardar até que ela possa lhe entregar o caderno. Já em (02), ao tocar seu telefone, o entrevistado pergunta ao entrevistador

se pode desligar o aparelho. Assim, interrompe a conversa através da construção *espera aí/peraí*, sinalizando um pedido de tempo para mudar o foco da entrevista (que é responder a questão que lhe foi dirigida) e resolver a situação que atrapalha o andamento da situação.

Parece-nos que, nesse uso da construção, podemos depreender o sentido do verbo *esperar* relacionado à ideia de *aguardar no tempo* junto ao advérbio *aí*. Este, por sua vez, não é utilizado em sentido locativo, mas com valor temporal, sustentando, assim, a acepção vinculada ao verbo – *aguardar no tempo* – e revelando – como já defendido em trabalhos como os de Oliveira e Santos (2004) e Martelotta (1993) – a passagem pelo processo metafórico espaço > tempo.

- b) funcionando como *pedido de tempo* para (re)formular o discurso. Abaixo seguem os exemplos (03) e (04)⁶:

(03)E aí NP o que você pensa assim, pensa assim imfazê amanhã?

Amanhã ? Se não chuvê, eu vou na casa, não numa piscina, não *pera aí*, na piscina não é no dentista, abiturá meu dente, por que a abituração dele caiu aí tem que arruma, se não chuvê. (*Projeto Mineirês*, entrevista 61, Mariana)

(04)Minha comida preferida na hora do almoço, não *espera aí* eu vou começar desde o café da manhã: no café da manhã como pão com manteiga ou com salame e tomo leite com Toddy. No almoço minha comida, preferida é na quinta-feira. E só quando tem arroz, feijão e... salada tomate, eu como só arroz, feijão e minha comida preferida também na hora do almoço é lasanha. (*Projeto Mineirês*, entrevista 50, Mariana)

Em (03), o falante, ao comentar sobre a atividade que realizará no dia subsequente, utiliza a construção *espera aí/peraí* para *voltar atrás no que disse* – realiza um reparo em sua fala – e introduzir a *real* atividade – ou pelo menos aquilo que ele quer que se passe como verdadeiro – que cumprirá. Assim, ele não irá à piscina, mas sim ao dentista. Em (04), o falante está respondendo ao seu interlocutor qual é a sua comida preferida. Inicialmente, ele pensa em responder-lhe, observando o que come no almoço. No entanto, ele muda de opinião, sinalizando para o interlocutor que *abandonará* o enunciado iniciado e pedindo que aguarde até ele reformular o que vai dizer, e continua a conversa pontuando o que mais gosta de comer em diferentes refeições. Podemos notar, a partir dessas ocorrências, uma preocupação do falante em organizar o discurso, indicando, para seu interlocutor, necessidades referentes ao processamento do enunciado.

Assim sendo, mais do que realizar um pedido de tempo, acreditamos que a construção *espera aí/peraí*, nesse caso, sinaliza para o seu interlocutor uma preocupação

⁶ Os exemplos (03) e (04) tratam da reformulação do discurso realizada pelo falante. Nesse caso, especificamente, a construção *espera aí/peraí* atua como marca de iniciação de reparo. Nesse sentido, o falante identifica a fonte do problema na produção de sua fala e refaz parte daquilo que disse.

interacional. O “pedido de tempo” realizado pelo falante evidencia para o interlocutor que aquele continua com a palavra, com o turno conversacional, de maneira que este não está “autorizado” – ao menos, não pelo falante – a interrompê-lo. Nesse sentido, a construção *espera aí/per aí* funciona como marcador discursivo (doravante também MD) e, diante da preocupação do falante com o *self* de seu interlocutor, constitui um uso [+ intersubjetivo].

Freitag (2008, p. 22) salienta que não há um consenso na terminologia utilizada para se referir às “construções que atuam tanto no plano textual, estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como no plano interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala”. A autora, baseando-se em Macedo & Silva (1996), destaca que, sob esse rótulo, figuram os “requisitos de apoio discursivo”, os quais se caracterizam por apresentar, basicamente, uma natureza interpessoal. Nesse sentido, Freitag (2008, p. 22) ressalta que eles podem desempenhar funções – referentes à organização da fala – nos planos interpessoal; interpessoal e textual; e rítmico. Dentre esses planos, delimitamos, para tratar da construção *espera aí/per aí* como marcador discursivo para reformular a fala, o plano interpessoal, que, conforme Macedo & Silva (1996), atua de maneira a manter um contato entre os interlocutores: há o pedido, por parte do falante, de um consentimento do interlocutor e/ou a sustentação do fluxo da conversação. Com isso, esse uso específico da construção *espera aí/per aí* mantém o fluxo conversacional, sustentando a atenção do interlocutor, como podemos verificar nas ocorrências (03) e (04).

Por sua vez, Redecker (1990) observa que os MDs possuem como função primordial estabelecer uma coerência local, visto que a coerência se dá na relação entre as unidades do discurso. Assim, de acordo com a autora, uma das possibilidades de atuação dos MDs está no âmbito ideacional, de modo que o falante se comprometa a marcar a relação existente entre o mundo e aquilo que diz. Logo, a utilização de sequências temporais no discurso, como no caso aqui estudado, demonstra esse reconhecimento. Assim, a fim de estabelecer a coesão entre as partes do discurso, o falante marca a necessidade de tempo para (re)formular a fala por meio da construção *espera aí/per aí*.

A partir das considerações acima, temos que, funcionando como pedido de tempo para (re)formular a fala, a construção *espera aí/per aí* atua de maneira a manter o fluxo conversacional e a atenção do interlocutor e a estabelecer uma coesão entre aquilo que se disse e aquilo que se vai dizer.

- c) funcionando como focalizador e introdutor de um argumento que frisa o ponto de vista contrário do falante acerca do que vem expondo, como se verifica nas ocorrências abaixo:

(05) Mas, que é muita pressão pela mulher é. Aí, eu chego aqui, o outro:: “Ah! Não tem nada pra comê?”, : “Aí, a casa tá suja”. Ah! Calma aí, <daí...> tem que tê uma compreensão por parte <da pe...> do marido. Que tem que sabê que, *per aí*, tu não tá lá de bobeira não, [tá]...

[tá]... [tá]... tá trabalhando. (PEUL, entrevista R01 Eri- 1)

- (06) Acontece, e <se...> acontece até <a...> a pessoa adolescente, a mãe [que]... que não pôde casá de véu <na...> e grinalda na igreja, já qué que a filha case (est). A filha às vezes não qué, qué se juntá com uma pessoa que ela acha que é legal, a mãe:: “Não, mas casa, não sei o que, e tudo.”, entendeu? Aconteceu comigo, minha mãe queria que eu casasse certinho, e tudo. Eu queria casá, mas se eu não quisesse? (est) Entendeu? É porque eu quis, realmente. Agora, se eu não quisesse, eu realmente, não ia podê satisfazê o desejo que a minha mãe quis pra mim, entendeu? A mãe vê: “Ah! Mas, eu acho tão bonito você i com aquela coisa, não sei o qué.”. Não, a pessoa já influencia a cabeça dos filhos, né? (est) Começa dos pais, a educação da criança. Não pode chegá, e deixá a mercê de televisão, nem de coleguinha: “Ah! Porque a mãe da minha <colegui...>, a mãe da minha colega deixa elavijá com quatorze anos, fazê de tudo...”. *Pera aí*, que família é essa então? Não, vamo verificá com quem que tu tá andando, sabe? Eu acho que a pessoa já tem a sua personalidade, se qué, tem que explica: “Minha filha, isso aqui é o caminho tal, tal”, o outro: “Isso aqui é o caminho ruim.”. Se ela for, quisé i, gostá, [sê feliz]... se ela fô prostituta e sê feliz, ótimo, problema dela, se ela é feliz. Mas, eu ensinei o caminho certo (est), entendeu? Eu quero ter minha consciência limpa. Olha, eu ensinei o certo, ensinei <o e...> o errado, [na minha]... na minha cabeça. De repente, o que é certo pra mim, não é certo pra ela. [é] Eu acho que: e preto, ela tem que usar preto. Ela, não: “eu acho <que...> eu quero usar branco”, então... Mas, a mãe e pai <sempre qué...> sempre quer o melhor pro filho. E a gente só vê isso, quando a gente é mãe, que quando... a gente: “Ai, eu acho a minha mãe um saco, aí meu pai; eu vô fugi. (riso e)”. Quantas veze eu já fugi, já saí, já cheguei de madrugada, disse que tava dormindo e ainda era tudo mentira. E a gente pensando que tá enganando, não engana, sabia. Eles sabem tudo, só que é aquilo: “Pô ele <qué...> quis sair, vô saí, vô brigá? E tudo. A gente pensa que engana, mas não engana, não... que: “Ah! Enganei meu pai, cheguei quatro hora da manhã, e disse que tava na casa da minha colega.”. Na verdade, cara, aquilo ali não te acrescentô em nada, (est) entendeu? <Se eu me...> Se eu saí com uns cara, se [eu]... eu usei droga, <uma coisa...> que quem vai tá se prejudicando sô eu, minha mãe e meu pai tão em casa, tão bem, já me criaram. Tem que vê isso tudo, essa parte toda. (PEUL, entrevista R01 Eri- 1)

As ocorrências (05) e (06) demonstram a utilização da construção *espera aí/peraí* de maneira a focalizar o que foi dito anteriormente pelo falante bem como introduzir um argumento que fundamenta um posicionamento reconhecidamente contrário àquilo que vinha sendo exposto. Dessa forma, em (05), o falante codifica para seu interlocutor sua crítica em relação ao marido reclamar por não ter comida pronta. Para ele, o fato de estar trabalhando é um forte argumento que reforça a necessidade de compreensão do marido. Em (06), ao observar a relação entre pais e filhos, o falante destaca, através da construção *espera aí/peraí*, o posicionamento permissivo adotado por alguns pais, fato com o qual não concorda.

Observando o caráter argumentativo desse uso, atestamos que a construção *espera aí/peraí* pode introduzir uma sustentação – ou seja, um argumento que sustenta a opinião do falante –, bem como a própria opinião. Nesses casos, os movimentos realizados pelos usuários da língua fornecem uma justificação ou uma evidência que nos permitem inferir os valores da sociedade que estão sendo avaliados. Em (05), o falante codifica para seu interlocutor sua crítica em relação ao marido reclamar por não ter comida pronta. Para ele, o fato de estar trabalhando é um forte argumento

que reforça a necessidade de compreensão do marido. Assim, o enunciado *tu não tá lá de bobeira não [tá]... [tá]... [tá]... tá trabalhando*, é uma evidência que sustenta a opinião do informante de que o marido precisa compreender que ela não exerce somente a função de dona de casa. Já em (06), o locutor introduz sua avaliação frente à situação – o posicionamento permissivo adotado por alguns pais –, apresentando argumentos que sustentam sua opinião contrária e conduzem à conclusão de que a atitude tomada por esses pais não é adequada. Logo, o enunciado *que família é essa então?* diz respeito à opinião do falante em relação ao dito. Tal enunciado também introduz, como temos defendido, uma avaliação frente à situação, de maneira a conduzir à conclusão de que a atitude tomada por esses pais não é adequada.

Funcionando como marcador argumentativo, julgamos, mais uma vez, que a construção *espera aí/peraí* corresponde a um MD e, portanto, apresenta um sentido [+intersubjetivo] em relação ao primeiro uso desse padrão. Além do plano interpessoal, Freitag (2008, p. 22), apoiada em Travaglia (1999), Valle (2001) e Gorski *et al.* (2003), ainda destaca que os requisitos de apoio discursivo (ou MDs) podem atuar no nível interpessoal e textual para organizar a fala. É o que acreditamos que ocorra com a construção *espera aí/peraí* ao desenvolver este uso mais argumentativo. Tal crença decorre do fato de, no nível interpessoal e textual, a construção passar a solicitar a atenção do interlocutor para determinadas partes do texto, focalizando aquilo que a antecede. Assim, a utilização da construção *espera aí/peraí* codifica a introdução de um argumento a favor da opinião do falante, que é, nesse caso, contrária àquilo que expôs anteriormente, como explicitado nas ocorrências (05) e (06).

Já em sua abordagem, Redecker (1990) considera que há a possibilidade de os MDs estarem relacionados a uma estratégia retórica, visto que evidenciaríamos as intenções ilocucionárias veiculadas pelas proposições. Assim, também podemos observar que, ao utilizar a construção *espera aí/peraí*, o falante evidencia ainda mais a sua argumentação (chamando atenção para um determinado ponto do enunciado), conduzindo a sua fala para uma determinada conclusão.

A partir da descrição dos três usos identificados da construção *espera aí/peraí*, acreditamos que as ocorrências acima demonstram que essa construção não veicula somente um sentido, mas arrola diferentes usos, o que caracteriza sua multifuncionalidade. Abaixo, disponibilizamos uma tabela com a distribuição dos diferentes usos da construção *espera aí/peraí*⁷:

⁷ Frisamos, novamente, que não foram encontradas ocorrências da construção *espera aí/peraí* na diacronia.

Tabela 1 - Distribuição dos usos da construção *espera aí/peraí* na sincronia

Usos da construção <i>espera aí/peraí</i>	n.º	%
Pedido de tempo	6	20,7%
(Re)formular o discurso	16	55,2%
Argumentativo	7	24,1%
Total de ocorrências da construção <i>espera aí/peraí</i>	29 ocorrências	

A tabela 1 mostra uma maior frequência de *espera aí/peraí* como pedido de tempo para (re)formular o discurso (16 ocorrências, isto é, 55,2%), seguida pelo uso argumentativo (7 ocorrências, isto é, 24,1%) e, finalmente, pelo uso referente a pedido de tempo propriamente dito (6 ocorrências, isto é, 20,7%). Tal fato parece demonstrar que a construção em análise, decorrente de um processo de gramaticalização, indexa, prototipicamente, um uso [+ intersubjetivo], visto que atua como marcador discursivo na maioria das ocorrências. Nesse sentido, marca, inicialmente, um uso interpessoal ou ideacional, à medida que estabelece uma coesão entre o todo enunciativo, mantendo o fluxo conversacional e o consentimento do interlocutor para que o falante continue com a palavra. Posteriormente, passa a codificar uma argumentação a favor da tese do falante, concluindo com seu posicionamento crítico. No que se refere ao uso da construção *espera aí/peraí* como pedido de tempo propriamente dito, podemos verificar a presença da acepção inicial do verbo *esperar* como *aguardar no tempo* alinhada ao advérbio *aí* com valor temporal. Embora tenhamos encontrado apenas 6 ocorrências desse uso da sequência *espera aí/peraí*, acreditamos que ele seria anterior ao emprego da construção como marcador discursivo. Julgamos, nesse sentido, que a ampliação do *corpus* analisado e a realização de trabalhos futuros possam comprovar essa hipótese.

5. Considerações finais

Defendemos, neste trabalho, que a construção *espera aí/peraí* apresenta três diferentes usos. O primeiro corresponde a um pedido de tempo por parte do falante, em que verificamos o verbo *esperar* sendo utilizado com a acepção de *aguardar no tempo* e o advérbio *aí* com função temporal. Já os outros dois usos da construção *espera aí/peraí* – um funcionando como pedido de tempo para que o falante possa (re)formular a fala e o outro funcionando como focalizador/argumentativo – correspondem a marcadores discursivos –, uma vez que atuam no estabelecimento da coesão ideacional e interpessoal durante a elaboração do discurso. Nesse sentido, esses dois últimos usos da construção evidenciam uma atenção interacional do falante e, conseqüentemente, uma preocupação com o *self* do interlocutor. Sendo assim, atuando como marcador discursivo, a construção *espera aí/peraí* se caracteriza por ser um uso [+ intersubjetivo].

Referências

- BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.
- COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 1-26.
- FREITAG, R. M. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana. In: *Revista do Gelne*, v.10, n.º 1/2, p. 21-32, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. *A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe*. DELTA [online]. vol.15, n.1, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 ago. 2011.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEBGALVÃO, V.C. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GORSKI, E. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOOPER, P. J.; & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. Munchen; Newcastle: Lincon Europa, 1995 [1982].
- MACEDO, A, SILVA, G. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.. RONCARATI, C, MOLLICA, M. (orgs.) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores espaciais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912.
- OLIVIERA, N. F. de. *A gramaticalização do verbo esperar: uma abordagem funcionalista*. 2012. 169 f.: il. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora/Departamento de Letras.
- OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. L. Ordenação dos advérbios *aí* e *lá*. In: SILVA, J. P. da; BRITO, C. A. (org.). *Cadernos do CNLF*. 1. ed., v. VII. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Linguísticos e Filológicos, 2004. p. 139-147.
- REDEKER, G. *Ideational and Pragmatic Markers of Discourse Structure*. *Journal of Pragmatics*, v.14, 1990. p.367-381.
- REICHARDT, C.; COOK, T. Beyond qualitative versus quantitative methods. In: _____. *Quantitative and qualitative methods in Evaluation Research*. London: Sage, 1979. p. 7-32.
- TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 31-54.
- _____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.
- _____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.
- _____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.
- _____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (eds.). *The Cambridge Handbook of Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011b, p. 549-565.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at SocietasLinguisticaEuropea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. *Gramática do português falado*. vol. VII. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

VALLE, C. R. M. *Sabe? Não tem? Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Dissertação de mestrado. Santa Catarina: UFSC, 2001.

VITRAL, L. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*. Scripta, vol. 9, n. 18. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.